

S Frase da Semana

“Marconi Perillo,
ex-governador de Goiás



“A conversa
não poderia ser
outra: política e
mais política”

Ao conceder uma carona ao
prefeito de Goiânia, Iris Rezende

CARTA AO LEITOR

Inspiração

Não há consenso sobre o ex-presidente Lula. Há um Brasil que o odeia. E um Brasil que o ama. Nenhuma chance de consenso. Há paixão de lado a lado, e muito, mas muito pouca isenção quando ele é o assunto. No momento em que fechamos esta edição, sexta-feira à tarde, o dilema é: Lula será ou não preso? A polícia entra ou não entra no túnel de lulistas preparado do Sindicato do Metalúrgicos, em São Paulo?

Em Goiás, o dia tem um marco histórico: a renúncia oficial do governador Marconi Perillo (PSDB), na Assembleia Legislativa. Depois de quatro mandatos, e pela segunda vez em um mês de abril, o tucano deixa o comando do Estado para seu vice. Em 2006, para Alcides Rodrigues. Agora, para Zé Eliton. Alcides foi candidato à reeleição. Venceu. Eliton é candidato à reeleição. Vai vencer?

Também temos um divisor para as oposições. Depois de muita cotovelada, cutucões, provocações, Ronaldo Caiado (DEM) e Daniel Vilela (MDB) definiram projeto próprio, cada um tocando sua candidatura com promessa, com o prefeito Iris Rezende (Goiânia) como testemunha, de aliança em um possível segundo turno. Se um não for. Se um for.

É o fecho de um ciclo em Goiás. Termina o jogo das trocas partidárias, começa o jogo da negociação das alianças, com término previsto para as convenções, em julho. Termina o tempo de Marconi governador, começa o de Zé Eliton. É o fecho de um ciclo no País.

Termina a expectativa de um pedido de prisão a ser feito pelo juiz Sérgio Moro, começa a pressão para um fecho no que já se consolidou como guerra política, e não jurídica, no País. Escancarada a hipocrisia das intenções ocultas, começa a verdadeira guerra pelo poder. Corrupção? Desculpa. Desculpa aí.

Que se invoque Drummond: são tempos de absoluta depuração. A **Tribuna** desta semana é leitura dos dias. Muita realidade, com um pouco de poesia. Boa leitura!

Vassil Oliveira - Editor

Fundado em 7 de julho de 1986

Editado e impresso por Rede de
Notícia Planalto Ltda-ME - WSC
Barbosa Jornalismo - ME



TRIBUNA DO PLANALTO

Fundador e Diretor-Presidente
Sebastião Barbosa da Silva
sebastiao@tribunadoplanalto.com.br

Diretor de Produção
Cleyton Ataídes Barbosa
cleyton@tribunadoplanalto.com.br

Departamento Comercial
comercial@tribunadoplanalto.com.br
62 99622-5131

Editores
Vassil Oliveira
vassil@tribunadoplanalto.com.br
Fagner Pinho
fagnerp@gmail.com

Manoel Messias Rodrigues (Escola)
messiasgyn@gmail.com

Daniela Martins (Internet)
daniela@tribunadoplanalto.com.br

Endereço e telefone - Rua Antônio de Morais Neto, 330, Setor Castelo Branco,
Goiânia - Goiás - CEP: 74.403-070 - Fone: (62) 3086-4379
www.tribunadoplanalto.com.br facebook @TribunadoPlanalto

Repórteres
Fabiola Rodrigues
fabiola@tribunadoplanalto.com.br

Fotografia
Mônica Salvador
salvadordepaula@gmail.com

Projeto Gráfico e Diagramação
Maykell Guimarães
maykelldesigner@uol.com.br

Email Redação
redacao@tribunadoplanalto.com.br



Divulgação

Manifestantes se concentram em frente ao Sindicato de Metalúrgicos de São Bernardo do Campo em apoio ao ex-presidente Lula (PT), após o juiz Sérgio Moro determinar a prisão do petista. Os protestantes tentavam evitar a prisão do ex-presidente e permaneceram em frente ao sindicato no Grande ABC desde a quinta-feira, 5, até o fechamento desta edição na sexta à noite. Os manifestantes gritavam palavras de ordem como “aqui está o povo sem medo de lutar”, “Fora Temer” e “Ole, Ole, Ole, Olá, Lula, Lula”.



tribuna
urbana

ESFERA PÚBLICA

Retrato da psicose

Jorge Antônio Monteiro de Lima

Por que somos um povo alienado? Por que a animosidade, belicosidade, a crise de ideologia, as distorções de valores ocorrem no Brasil?

Estes dias li uma pesquisa internacional que pontua que o Brasil é o segundo maior país do mundo em alienação. Delírios, fantasias, fuga da realidade. Um cataclismo anunciado há décadas no destrato com a educação e a cultura, cujos índices estatísticos são caóticos. Temos a segunda população mais fora da realidade do mundo.

Minha crítica tem início na experiência como professor universitário, pesquisador e formador de profissionais na área de saúde mental e na observação da precariedade da educação, na forte e consistente crise do analfabetismo funcional. Tenho lidado sistematicamente com alunos formados e em formação superior que não sabem ler, interpretar ou compreender a subjetividade de um texto. Alunos com enorme dificuldade para atender um paciente ou tratar uma doença mental porque não sabem lidar com sua própria subjetividade.

Pessoas que não compreendem metáforas, analogias, significados. Não entendem poesia, literatura, arte. Pessoas que se formam, fazem mestrado e doutorado, mas não têm cultura, apreendem conhecimento técnico específico, mas têm profunda dificuldade de articular tal conhecimento com a vida, a realidade social, o lidar com os outros. É a socialização comprometida, a ignorância certificada.

Viraram moda, o grito, o berro, a bestialidade e a reprodução em larga escala de conteúdos superficiais e arcaicos de conhecimento, sem sua transposição para a realidade. Estudos sem relevância social. Virou cenário de auto-importância e fantasia intensa, a criação de um pequeno mundo interior isolado. Psicose é isolamento, dificuldade de percepção da realidade, viver fora de tempo e espaço delimitados e definidos. Vivemos em um universo repleto de pessoas anacrônicas, velharias, cheias de si, que mostram ao mundo sua ignorância.

O mesmo ocorre com o meio da cultura no qual o valor da arte, e da subjetividade se perde diante dos instintos. Cultura sucateada há décadas. Arte que perde seu valor de formação intelectual, crítica de valores passando a ser produto vazio, fachada.

Este cenário que cito do meio acadêmico e artístico migra para as ideologias, partidos, religião, práticas sociais, vida afetiva. As fantasias proliferam em vários “achos”, nos quais a vida instintiva assume o controle, gerando este retrato de belicosidade complicada no qual não há diálogo. O mundo do saber, da academia, das artes vira materialista, ári-

do, com poucas ou raras perspectivas para o simbólico, o sutil, a dialética e a troca. No lugar surge uma epidemia visceral de doutores e proprietários da razão de profunda ignorância presos apenas a sua própria instintividade sem reflexão crítica construtiva. A ordem social é a desconstrução, o descaso, a superficialidade e o materialismo instintivo

O inconsciente por sua vez em uma busca desenfreada de equilíbrio torna frequentes delírios, mania de perseguição, fantasias, megalomania e o vitimismo, com significativas rupturas dos valores, das ideologias, do sentido de vida. Instala-se na sociedade um caos no qual as fantasias tornam-se agenciadas como políticas de Estado, rompendo o tecido social de forma cruel, transformando uma nação em uma bacia de almas perdidas.

Muitas epidemias de transtornos de ansiedade ou depressão têm início no amplo agenciamento de uma vida provisória em fantasia, distante de uma realidade construtiva. Tentativas ou suicídios têm início quando uma pessoa percebe a distância entre sua vida real e a do mundo que criou.

Quantas milhares de pessoas não existem apenas em fantasia? Quantas não têm enorme dificuldade em lidar com dinheiro, trabalho, carreira, aprendizado e estudo, com a vida afetiva e espiritual? Quantas não vivem apenas uma fachada, um personagem, uma “personalidade inventada” para agraciar um determinado grupo? Lidamos com isto em consultório, auxiliando pacientes a reencontrar sua essência, consciência, realidade, equilíbrio diante de uma construção social de alucinação.

A doença instalada no Brasil graças ao agenciamento de várias políticas de Estado tem progressão geométrica. Não é por acaso que os consultórios estão abarrotados. A insanidade é forma naturalizada de ser pelo distanciamento do ser humano de sua própria essência. O retorno exige esforço para decantar fantasia da realidade, uma consciência sobre sua autobiografia e os dons naturais, os limites do mundo exterior e interior e muita força de vontade para crescer e sair de uma intensa apatia, em um cenário de percepção de mundo e homem distorcidos - aspectos que tenho descrito em meus artigos nos últimos 15 anos. Na terra do delírio quem tem consciência pode fazer a diferença... e sobreviver.

Jorge Antônio Monteiro de Lima é analista, pesquisador em saúde mental, psicólogo clínico, músico e mestre em Antropologia Social pela UFC.

